
Escola, Isolamento Social e o Acesso aos Conteúdos Digitais pelos Jovens¹

Sérgio Luiz Alves da Rocha²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

Patrícia Oliveira de Freitas³

Universidade federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Resumo

Este texto discute questões originadas no bojo de um projeto que mapeou a perspectiva dos estudantes sobre a relação entre os conteúdos de canais de natureza educativa (*online*) e aqueles disponibilizados pela escola, verificando alterações no acesso em função do isolamento social. Nele analisamos questões presentes nas respostas de um questionário e durante a realização dos grupos focais *online* que, do ponto de vista teórico-metodológico, exigiu uma reflexão sobre a sua especificidade em relação aos grupos focais presenciais. Em relação às falas, a análise revelou, entre outras questões, a importância da escola para organização do tempo dos jovens, abrindo margem para a uma reflexão sobre a importância da instituição escolar na organização da rotina de vida dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; escola; vídeoaulas; plataformas digitais; pandemia.

Introdução

Nas últimas décadas o desenvolvimento das formas de interação, proporcionados pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), promoveu um conjunto de transformações em diferentes aspectos da vida social. Desde o surgimento do ciberespaço, nos termos propostos por Levy (1999), uma importante parte da reflexão sobre estas mudanças se referiram aos processos educativos. Seguindo um pouco o processo histórico em relação às novas tecnologias e seus usos, o discurso mais pessimista, em particular no que diz respeito a seus efeitos sobre a escola e a educação, foi aos poucos sendo substituídos por uma reflexão com outras nuances.

Em que pese ainda a existência de um certo tom moralizante e naturalizador nas falas sobre a relação entre jovens/escola/tecnologia, ganharam relevância um conjunto de análises que problematizaram de modo mais denso, a partir da dimensão dos usos, tal

¹ Trabalho apresentado no GP Educação e Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor EBTT do IFRJ, Doutor em Educação ProPed/UERJ, sergio.rocha@ifrj.edu.br.

³ Professora do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICESA/UFRRJ, Doutora em Educação UFF, p.defreitas@hotmail.com.

relação. Entretanto, do ponto de vista da prática, a pandemia determinou um novo e significativo momento, que obrigou a instituição escolar a usar de modo majoritário a interação via mundo digital para poder levar à efeito as suas práticas;

Não podemos afirmar que foi uma transição tão abrupta, já que a migração para este modelo não se deu da mesma forma nos diferentes sistemas educativos. Até mesmo porque, no início não tínhamos ideia de que este período iria se alongar da forma que ocorreu. Aos poucos uma interrupção que parecia que iria durar uma semana foi se alongando, até o momento em que ficou claro que estávamos vivendo uma situação que exigiria mais tempo para ser resolvida, ensejando um debate sobre se e de que forma as atividades escolares poderiam ser retomadas com a mediação das tecnologias.

No momento de eclosão destes eventos realizávamos uma pesquisa sobre a relação dos jovens com os conteúdos *online*, canais de conteúdo educativos e seu papel no processo educativos⁴. Já havíamos desenvolvido em uma pesquisa anterior em estudo sobre o acesso aos conteúdos de plataforma educativas, incluindo vídeoaulas, com um conjunto de questões que nos possibilitaram fazer um levantamento dos sites que eram acessados pelos estudantes, suas principais características em termos de recursos e seu papel nas rotinas de estudo. Naquela etapa já havia ficado indicada a necessidade de uma reflexão sobre a relevância da instituição escolar como motivadora dos usos de grande parte destes conteúdos, que adquirem majoritariamente um aspecto complementar aos conteúdos escolares. Assim, na maior parte das vezes o acesso a estes conteúdos se dava a partir das demandas levadas à efeito pela instituição escolar.

Esta é uma questão muito relevante na medida em que, autores como Martín Barbero, por exemplo, acentuavam uma relativa perda de importância da instituição escolar, ao menos nos moldes em que atua na contemporaneidade, originadas pelo um processo geral de descentramento dos espaços, figuras e fontes do saber (MARTÍN-BARBERO, 2014).

De fato verificamos, a partir do acesso desses jovens, que temos de pensar nos processos de produção do conhecimento nos dias de hoje, analisando de que forma ele

⁴ O projeto contou com a participação de quatro bolsistas em diferentes momentos de sua realização. As bolsistas Alice Moura Araújo da Silva e Maria Luiza Reis de Castro que participaram de um projeto anterior e do início deste novo projeto e as bolsistas Ana Clara Nicodemos e Maira Vallejo dos Santos que substituíram as duas primeiras. Todas estas bolsistas participaram na modalidade PIBIC JR. Gostaríamos de chamar a atenção aqui para esta possibilidade de alunos de ensino médio puderam participar na organização e na realização de uma pesquisa, o que sem dúvida é um diferencial na formação oferecida pelos Institutos Federais.

não se encontra limitado aos muros da escola e às tradicionais figuras de autoridade como o livro ou o professor. Neste sentido, como afirma Martín-Barbero:

(...) a educação já não é concebível a partir de um modelo de comunicação escolar que se encontra ultrapassado tanto espacial como temporalmente por processos de formação correspondentes a uma era informacional na qual “a idade para aprender são todas”, e o lugar para estudar pode ser qualquer um (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.121)

Para o autor, o desenvolvimento de novas formas de acesso à informação descentra os antigos espaços e figuras de saber. A escola reconhecida como espaço físico específico cuja função é a condução do processo de ensino-aprendizado deixa de ser o único local nos quais nossos jovens podem aprender. Há hoje outros lugares, que mesmo sem ter materialidade, e, talvez por isso mesmo, estão cada vez mais presentes nas vidas de nossos jovens. O professor também exerce seu ofício na atualidade em meio a uma multiplicidade de outras figuras que produzem conteúdo sobre diferentes temas, alguns dos quais anteriormente restritos ao universo escolar.

Embora de fato a escola e as suas práticas sejam cada vez mais tensionadas pela relação dos estudantes com as diferentes tecnologias digitais de informação e de comunicação, uma parte significativa deste acesso diz respeito a realização de atividades provocadas pela instituição escolar, em seu modo, digamos, tradicional de atuação.

Na pesquisa posterior, realizada já no contexto da pandemia, foram reaplicados formulários *online* e realizados um conjunto de grupos focais para adensar algumas das reflexões da pesquisa anterior. Com o isolamento, ao longo do processo de pesquisa, acabamos por modificar as questões que norteavam as nossas conversas com os estudantes para dar conta das novas questões que emergiram neste novo contexto.

A Instituição na qual desenvolvíamos a pesquisa não implementou as atividades escolares na modalidade virtual de modo célere. Assim, durante as etapas de aplicação de questionários *online* e da realização dos grupos focais, conversamos com jovens que estavam algum tempo sem participar das demandas organizadas pela escola, aguardando um conjunto de decisões sobre esta retomada. Logo de início a discussão sobre a universalização do acesso, bem como a preocupação com os possíveis excessos que poderiam ser provocados pela ideia de simples transposição dos conteúdos presenciais para a modalidade *online*, tornaram este processo mais complexo, ampliando o tempo para este retorno.

Ao fim deste processo a instituição aprovou um regulamento para definir limites em termos de tempo de tela, de percentuais de conteúdos, de validação da progressão por percentual de atividades entregues – ao invés das tradicionais avaliações dos conteúdos disciplinares –, um programa de auxílio para o acesso e empréstimos de equipamentos entre outras decisões.

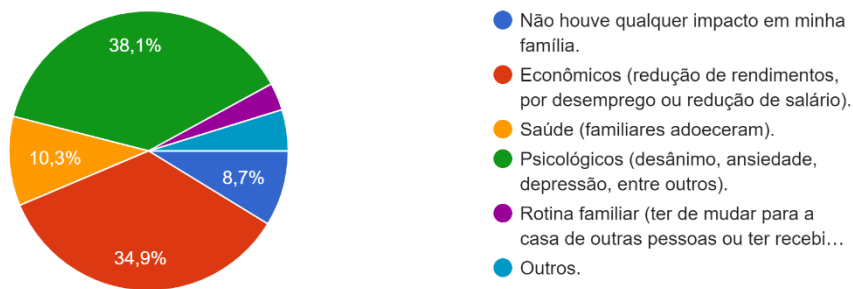
Foi neste momento, em que os estudantes estavam sem poder participar das atividades escolares pela falta de sua oferta, que ocorreu a realização desta pesquisa. No momento, tendo a instituição escolar já retornado com as suas atividades no formato de ensino remoto, desenvolvemos um novo levantamento para avaliar este novo contexto.

Vivências na pandemia: um panorama dos dados do formulário *online*

Metodologicamente, a pesquisa apresentou característica quanti/qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. Os dados foram coletados por meio de questionário *online* autopreenchido (*Google Forms*) e posteriormente nos grupos focais. Inicialmente foi realizado um pré-teste e a divulgação do questionário foi feita pelos canais do Conselho de Alunos Representantes de Turma – CART, e através dos grupos de *WhatsApp* das turmas. Os participantes preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e todas as respostas tiveram o anonimato garantido. O estudo foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética da UFRJ. Os resultados obtidos foram tratados por estatísticas descritivas e foram a base de uma reflexão qualitativa.

Na primeira etapa, do universo total pesquisado (126 pessoas), em relação à identidade de gênero, 91 (72,2%) se declararam como feminino, 35 (27,8%), como masculino. Houve uma certa concentração de respondentes do primeiro (32,5%), sétimo (14,3%) e oitavo (17,5%) períodos do ensino médio. Essa foi a intuição inicial na composição da amostra, no sentido de verificar se era possível perceber se o tempo de permanência na escola tinha alguma interferência na relação dos estudantes com as “novas tecnologias”. Quando perguntados sobre que tipos de impactos a pandemia havia gerado na família, a maioria apontou impactos econômicos e psicológicos, como pode ser observado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Impactos da pandemia na família dos estudantes.



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Além destes impactos os estudantes revelaram terem percebido alterações em vários dos seus hábitos/rotinas, sendo desânimo (77,8%) o mais significativo, seguido por: ansiedade (74,6%), concentração (71,4%), sono (70,6%), humor (64,3%), apetite (54%). Apenas 6,3% disseram não terem notado nenhuma alteração. Vale salientar que a pergunta foi multivalorada, sendo assim a soma dos percentuais das respostas supera os 100%.

Indagados sobre com quantos professores deveriam estar tendo aula 73% disseram 8 professores, 23% de 4 a 8 professores e 4% deveriam estar tendo aula com até 3 professores. E durante o início da pandemia (quando a coleta foi realizada) a maioria respondeu que não estava mantendo contato com nenhum professor (28,8%), com 1, 2 e 3 professores 22,4%, 20,8% e 17,6% respectivamente. É possível perceber que neste momento os estudantes ficaram órfãos não só da escola mas também do contato com seus professores. Os que mantiveram contato com seus professores o fizeram principalmente na forma de bate papo informal e discussão orientada (ver filmes, ler textos, etc., mas sem relação direta com a matéria).

Sobre a manutenção de vínculo com os colegas da escola a maioria afirmou ter mantido contato com colegas mais próximos prioritariamente para conversar livremente e/ou jogar, sem que fossem abordadas temáticas referentes aos conteúdos escolares.

Em relação aos aspectos que mais sentiam falta na escola os mais ressaltados foram a rotina de sair de casa e os colegas, com 75,4% cada, seguidos das aulas (57,1%), dos professores (33,3%), das atividades culturais desenvolvidas na escola (18,3%) e de participar dos coletivos (4,8%). Não sentiram falta de nenhum aspecto relacionado a realidade escolar 4,8% dos estudantes.

Sobre os grupos focais: perspectivas e desafios

Depois de uma etapa de aplicação e análise das questões presentes no formulário *online* iniciamos a realização dos grupos focais para aprofundar algumas das questões desta primeira etapa da pesquisa. Ao final do formulário *online* os estudantes encontravam um link para um grupo de *WhatsApp*, convidando-os a participar da etapa seguinte da pesquisa.

Com o contexto da pandemia e a conseqüente continuidade do isolamento a possibilidade de realização dos grupos focais presenciais teve de dar lugar a outras formas de interação com os participantes. Com a relativa facilidade e disponibilidade das plataformas que permitiam encontros síncronos, com a possibilidade de uso da voz e da imagem, optamos pela realização dos grupos focais *online* síncronos⁵. Por questão de comodidade nos servimos da plataforma *Google Meet*, por termos uma conta institucional que permitia a gravação automática ao final de cada encontro e o seu conseqüente armazenamento no *Google Drive*, sem limite de tempo para a realização dos encontros.

O uso da suíte do *Google* se mostrou também muito prática, uma vez que, usando também o *Google Docs*, foi possível tornar o trabalho de transcrição muito mais fácil, exigindo apenas algumas pequenas correções ao longo do processo. Bastava rodar a gravação dos encontros e, com um fone de ouvido, a própria plataforma transcrevia os diálogos. No caso em que os participantes optaram por apenas escrever no chat, além da gravação era gerado um arquivo de texto com tudo o que havia sido digitado.

Uma vez que iniciamos os encontros logo se tornou claro que grupos focais *online* e grupos focais presenciais são duas modalidades metodológicas distintas. Isto porque, uma das principais características definidoras dos grupos focais presenciais, a possibilidade de interação e diálogo constante entre os seus participantes, que promovem uma ampla reflexão sobre os temas que lhes são propostos, nem sempre ocorria de modo satisfatório na realização destes encontros de forma virtual.

Durante a realização dos encontros, alguns dos estudantes optavam por apenas escrever no chat o que fazia com que outros participantes, que estivessem acessando o encontro via celular, por exemplo, não pudessem ler de modo rápido e, logo, interagir

⁵ Além dos aspectos que serão aqui abordados sobre a realização de grupos focais *online* e sua especificidade em relação aos grupos focais presenciais, outros elementos podem ser encontrados em Abreu, Baldanza e Gondim (2009) e Faria e Oliveira Júnior (2019).

com estas falas. Nestes momentos, embora estivéssemos em grupo, a dinâmica das relações entre pesquisadores e participantes se aproximava muito mais de uma entrevista tradicional. Com o tempo percebemos que deveríamos, nestes casos, retomar o que estava escrito no *chat* de modo que os participantes pudessem saber o que outros estudantes estavam pensando.

A ausência das câmeras ligadas, para facilitar a conexão ou mesmo por vergonha, foi outro fator que em alguns momentos dificultou a dinâmica de diálogo entre os participantes. Aspectos importantes na realização dos encontros presenciais, como a expressão corporal e a visualidade dos participantes ficaram prejudicados neste modelo *online*.

Por outro lado, o anonimato fez com que os participantes tivessem mais à vontade para falar, eliminado eventuais medos ou timidez, como podemos ver na fala de uma das estudantes que afirma: “*Aí, eu por exemplo, sou uma pessoa que tenho muita vergonha, não sei nem como é que eu tô falando super bem aqui, eu acho que é porque eu não tô aparecendo.*”

O anonimato auxiliou em momentos em que os estudantes quiseram fazer alguma reflexão mais crítica sobre o funcionamento da escola, das aulas ou mesmo a forma como algumas disciplinas eram conduzidas. A este respeito cabe citar que as entrevistas foram realizadas pelas duas alunas bolsistas do projeto depois de passarem por um período de formação, o que ocorreu com todos os membros da equipe, envolvendo inclusive um encontro com uma pesquisadora com mais experiência na realização de grupos focais “tradicionais”.

Garantimos assim que as conversas fossem de jovens com jovens, tendo o cuidado de após cada um dos encontros rever a condução por parte das bolsistas, chamando a atenção para aspectos a serem mais bem desenvolvidos. Tal dinâmica garantiu um certo horizonte similar entre entrevistadoras e entrevistados. Especialmente pelo fato de um dos integrantes da equipe atuar como professor na escola na qual foi desenvolvida a pesquisa, o que poderia constrangê-los.

O uso da dinâmica *online* também apresentou outro conjunto de desafios para pesquisadores e para os participantes como a formulação do termo de consentimento livre e esclarecido para participação – em particular dos estudantes menores de idade, que exigia a formulação de um segundo termo de autorização para ser assinado pelos seus responsáveis – problemas diversos relacionados à conexão - falta de sinal e instabilidade

da rede – e ao aparelho utilizado – no caso dos celular muitas vezes ocorreu o aquecimento intenso do aparelho que precisava ser desligado. Vale lembrar que muitas destas dificuldades passaram a ser vivenciadas também no contexto do ensino remoto.

A seguir analisaremos algumas das falas produzidas no âmbito dos grupos focais, dentro do conjunto de questões suscitadas ao longo destes encontros.

Sobre os diferentes percursos: “[...] cada um aprende de uma forma, uns são mais rápidos e outros são mais lentos”.

Um dos primeiros aspectos que nos chamam a atenção ao analisar as falas dos participantes é a heterogeneidade dos percursos escolares e das estratégias usadas para poder prosseguir rumo ao sucesso escolar. Há estudantes que gostam das aulas online, outros que não, alguns usam as duas modalidades, outros só estudam a partir das notas de aula e dos livros. O conjunto de falas a seguir exemplifica esta heterogeneidade.

“[...] eu pessoalmente não suporto vídeoaula, que é uma coisa que para mim é muito maçante, eu vou falecendo ao longo do vídeo. Mas tem também essa questão [...] que a gente tem um conteúdo muito complexo na escola, então achar uma vídeo aula que represente esse conteúdo e que seja favorável [...] para gente, seria muito complicado de achar. Aluno A – 8º período.

“Então, minha rotina era ir para o colégio estudar e aí depois ir para monitoria de noite. Então, não tinha tanto tempo assim para ficar estudando e aí acabava dando preferência ao conteúdo que eu vi em aula, ao material que eu tinha no caderno do que usar videoaulas. Aluno B – 6º período.

“É, eu nunca fui fã de estudar por vídeoaulas [...]. Normalmente, eu estudava por livro ou então pelo material que o professor dava, assim eu nunca fui uma pessoa de copiar durante a aula mas quando eu não conseguia pegar alguma coisa que o professor falou na aula eu pedia a alguém que anotou e tal e aí fazia os exercícios com base nessas anotações.” Aluno C – 8º período.

“Porque a aula presencial não rendia tanto assim para mim, eu estava na aula, eu tentava sempre anotar mas absorver o conteúdo mesmo absorvia em casa. Quando eu chegava ia ver os livros, ia procurar vídeoaula, aí eu conseguia absorver o conteúdo.” Aluna D – 4º período.

“Eu, no caso, gosto de usar a vídeoaula como um complemento. Porque eu sou uma pessoa um pouco dispersa, então eu assisto aula normal no colégio. É presencial faço anotações. Mas tem partes, assim, que eu me perco, que eu acabo não pegando perfeitamente. Então, geralmente, quando é uma matéria que eu tenho um pouco mais de dificuldade, que eu sei que só vendo minhas anotações e tals eu não vou conseguir pegar, eu prefiro assistir vídeoaula para ir relembrando, eu consigo ter mais facilidade”. Aluna E – 2º período.

Além de exemplificar esta dimensão da heterogeneidade dos percursos e práticas individuais de estudo, os trechos acima ainda apresentam outros aspectos que nos permitem perceber a relação dos estudantes com estes conteúdos *online*.

À medida que os estudantes caminham em sua formação escolar os conteúdos vão se adensando e fica mais difícil encontrar vídeoaulas que dêem conta os conteúdos relativos a determinadas disciplinas técnicas muito específicas. A demanda pelas vídeoaulas parece retornar quando os estudantes estão próximos de realizar o ENEM pois, como disse um dos entrevistados sobre o uso de plataformas pagas, elas possibilitam que ele tenha “*certeza que aquilo que eu tô estudando vá ser algo que eu vou utilizar na prova do Enem*” (estudante B – 6º Período)..

A dimensão do uso do tempo também interfere na possibilidade de acesso. Sendo uma escola que oferta vagas para que os estudantes atuem como monitores nos laboratórios, em algumas disciplinas, auxiliando os docentes, em projetos de pesquisa e de extensão como bolsistas, muitos deles acabam por ter uma jornada diária de ocupação integral de seu tempo. Somando-se a isto o deslocamento que muitos estudantes fazem diariamente de sua casa até a escola, já que ela é um polo de atracação para jovens de diferentes bairros da região metropolitana do Rio de Janeiro, acabamos por ter um conjunto expressivo de estudantes que, de fato, não tem tempo para acessar este material, a não ser em seus deslocamentos.

Neste caso, muitas vezes a dimensão da conexão pode também atuar como um limitador, como afirma a aluna do 6º período quando diz que quando seu plano de dados esta no final ela pesquisa “em casa antes e vou olhando os prints” (Aluna F – 6º Período).

Órfãos da escola: “[...] eu tava num looping de consumir conteúdo mas sem saber o que eu ia aproveitar ou não”

Outro conjunto de reflexões originadas nas discussões foi o sentimento de estar a deriva no momento que a rotina de suas vidas, articulada grandemente, no caso destes jovens, a partir das demandas escolares, se alteram de modo significativo.

É possível perceber como a ausência não planejada, abrupta, da escola e de todas as referências que ela proporciona impactou os diferentes aspectos das vidas destes jovens. O conjunto de falas abaixo aborda questões relacionadas a esta dimensão da ausência e de seus efeitos.

“Eu acho que a gente foi ensinado a ter esse cronograma já pensado para prova, já pensados em objetivos curtos que sejam. E agora que a gente não tem isso, né. Uma prova chegando, a gente acaba ficando meio perdido. Tipo, onde eu posso estudar, onde eu posso achar tal informação, e que informação eu quero ter. E aí, você fica meio perdido, né. Sem saber onde procurar, porque a internet tem muita coisa, né. Se você começa a procurar, sem saber onde você quer chegar, onde é seu ponto, fica meio difícil”. (Aluna G – 8º Período).

“É que antes, quando tínhamos a obrigatoriedade de aprender determinado assunto tinha um caminho, né. E agora eu não sei como tem que procurar na internet, tem que caçar um plano de estudo. Quando tinha prova eu sabia que tinha que estudar química ou física, qual matéria de física, quais leis de física. E agora não tem nenhuma direção do que estudar em si”. (Aluno H – 5º Período).

“O que aconteceu quando eu estava estudando Inorgânica, foi assim: eu estudei todos os conteúdos que o professor passou antes da pandemia. E aí depois eu fui estudar as vídeoaulas, né? Para complementar. Aí depois eu fui estudar as apostilas de Inorgânica. E aí, eu entrei num *looping*, porque eu não sabia mais o que era proveitoso e o que não era. A gente não estava tendo aula. [...]. E aí eu estava num *looping* de consumir conteúdo mas sem saber o que eu ia aproveitar ou não”. (Aluna D – 4º Período).

Estas e outras falas chamam a atenção para os modos através dos quais a escola confere aos estudantes não apenas uma identidade de estudante, estruturante nas vidas destes jovens, mas um papel social reconhecido juntamente com um conjunto de demandas que operam como elemento estruturador de seu tempo, de suas rotinas, enfim, de suas vidas.

Os horários, a circulação pelos diferentes espaços da cidade no trajeto da casa para a escola, as amizades com outros estudantes e professores, a separação entre o espaço da escola e o da casa, entre a vida pública e vida doméstica, privada, a participação nas atividades variadas que a escola proporciona, curriculares e extracurriculares, todo estes conjunto de distinções se apagou de modo repentino.

Como efeito vemos estudantes que não sabem como gerir agora as suas vidas, ou que devem aprender a fazê-lo de modo diferente. Se inicia ou se amplia o trabalho doméstico, alguns devem conseguir um emprego para poder ajudar as famílias diante dos impactos econômicos trazidos pela pandemia, outros acabam abandonando a trajetória escolar, se acentuam os impactos sobre a saúde mental e todos devem olhar o seu futuro ainda mais pelas lentes da incerteza.

Aula Presencial x Conteúdos Online “[...] eu fico bem irritada porque eu não posso perguntar”. A avaliação sobre as aulas online na sua comparação com aulas presenciais”.

Ao longo das falas encontramos muitos argumentos favoráveis ao uso das vídeoaulas. Os estudantes acentuam a possibilidade de poder assistir mais uma vez ao conteúdo disponibilizado. A possibilidade de pausar a aula é apontado por muitos também como algo positivo, em particular para os estudantes que dizem gostar de tomar notas, pois a pausa lhes permite fazer as anotações com calma, ainda que em algumas falas sejam explicitadas queixas sobre a ampliação do tempo de acesso nestes casos.

Como afirma a estudante do segundo período: “[...] acaba que um vídeo que tem 15 minutos, eu levo quase meia hora para assistir porque eu fico anotando e mesmo assim não é a mesma coisa.” (Aluna I – 4º Período). Mas, em outros momentos, também a possibilidade de alteração da velocidade de exibição faz com que conteúdos de aulas mais longas sejam assistidos em um tempo mais curto.

Preocupados com a realização do Exame Nacional de Ensino Médio, os estudantes avaliam também de forma positiva os conteúdos disponibilizados de modo mais objetivo e com foco nos conteúdos necessários para a realização daquele exame. Os que contam com uma assinatura em algum plano pago citam a questão do cronograma de estudos disponibilizado por algumas plataformas.

Entretanto, as referências positivas são feitas sempre a partir da lógica de que as vídeoaulas seriam oferecidas juntamente com as aulas presenciais, reforçando a ideia de complementariedade entre ambas e o efeito que a instituição escolar produz no consumo de determinados conteúdos disponibilizados na rede.

Mas na discussão sobre o acesso a estes materiais surgem falas que apontam aspectos negativos de seu consumo, como podemos observar no bloco de falas a seguir.

“É estranho, né. Porque tipo você está assistindo uma aula lá e surge uma dúvida, você não tem como tirar essa dúvida com o professor, porque aquilo ali é tudo gravado. E provavelmente se eu mandar um *e-mail*, ou qualquer coisa, vai demorar um tempo até ele me dar um retorno com isso. Então é isso. É um ônus sobre ter aula *online*, sobre essa questão de dúvida. E aí você procura em outro canal para ajudar e você acaba ficando com mais dúvidas, até que você desiste”. (Aluno H – 5º Período).

“Eu sinto muita, muita... dificuldade. Não é dificuldade, eu fico meio desanimada quando eu estou em alguma aula *online* porque não é a mesma coisa de ver as pessoas e sei lá, estar ali tendo contato com pessoas. E aí eu acabo que não... sei lá, não sei explicar... não sei o que falar... Eu fico muito desanimada quando tem aula *online*, fico com muita dor de cabeça porque eu fico muito tempo na frente do computador, com aquela tela... fico meio passando mal”. (Aluna J – 2º Período)

“É às vezes é bem frustrante quando a gente não consegue entender alguma matéria *online*, que acontece bastante, né. É completamente normal. Aí eu não entendo, aí eu fico bem irritada porque eu não posso perguntar. E aí, assim, por mais que eu possa voltar o vídeo, eu não entendi aquela explicação e o professor não vai poder tentar me explicar de outro jeito porque que aquele ali foi o que ele gravou. Aí isso é bem irritante porque aí você tem que procurar em outros sites, ou outros vídeos, enfim, eu tenho me irritado bastante com isso”. (Aluna K – 3º Período).

“É isso que é o ruim. Realmente porque na época da escola eu tirava muita dúvida com os professores e agora não tem mais isso, né? Eu pelo menos sinto isso, que nas vídeo aula sempre falta alguma coisa. Na hora que vai fazer o exercício sempre está faltando alguma informação, aí vai ter que ver outro vídeo, sei lá. Ler algum outro texto e isso que eu acho ruim porque os professores davam tudo completo, entendeu?” (Aluna L – 3º Período).

A questão das interações face-a-face, predominante nas práticas escolares desenvolvidas presencialmente no espaço escolar, são o principal tema no conjunto de reflexões desenvolvidas pelos estudantes. A comparação entre a dinâmica da escola nas suas práticas presenciais e o acesso aos conteúdos *online* no formato das vídeoaulas sempre apresenta, então, a questão da dificuldade das interações, a pouca interatividade que nelas ocorrem, sendo opostas, portanto, aquelas dos contatos presenciais.

É sempre bom, como afirma Levi, pensar que a dimensão da interatividade apresenta gradações, não podendo ser pensada de modo absoluto. Segundo as proposições do autor teríamos desde a possibilidade de apropriação e de personalização da mensagem recebida, passando pela reciprocidade da comunicação, a virtualidade, até a implicação da imagem dos participantes nas mensagens e a telepresença (LEVI, 1999, p. 82).

Assim, poderíamos também pensar que algumas aulas presenciais são caracterizadas pela pouca interação entre os participantes, sendo pouco dialógicas. Mesmo alguns estudantes em suas falas, preferindo a dinâmica presencial não deixam de acentuar as vezes seu incômodo em participar das aulas, fazendo perguntas por exemplo ao professor.

Considerações Finais: “[...] eu me sinto muito sem rumo, sem amparo.”

Apresentamos aqui um panorama bem geral das questões abordadas pelos estudantes que participaram da pesquisa, especialmente dos grupos focais. A partir destas reflexões emergem um conjunto de questões que devem ocupar espaço em nossas análises sobre os processos educativos e suas relações com os processos de comunicação.

Qual seria a importância da escola na constituição das identidades e dos cotidianos juvenis nestes tempos de acesso fácil às redes telemáticas?

A escola em tempos da rapidez nas comunicações, dos novos suportes, dos novos modos de interação teria perdido a sua relevância nos processos educacionais formais?

As dificuldades vivenciadas por estes jovens se devem a um determinado modelo de educação, cuja ênfase está posta em uma prática transmissional, pouco ativa que não estimula a autonomia dos jovens?

Podemos continuar a sustentar a ideia de que os jovens são naturalmente vocacionados para a relação com as tecnologias, sem refletir sobre as dimensões dos usos? Sem pensar em nosso papel de educadores e mediadores em alguns destes processos?

A reflexão sobre estas e outras questões demandam mais pesquisa e mais análise. Sobretudo exigem uma escuta atenta sobre aquilo que aflige os jovens, sua vida, seu futuro. Entender os jovens daquilo que os afeta. A partir de seus próprios termos. As gerações jovens de hoje já vivenciavam um contexto de grande incerteza ao pensar em seus projetos de vida. As balizas tradicionais, que garantiam certa previsibilidade sobre os resultados futuros já há muito esmaeceram. No novo contexto, este futuro torna-se ainda mais assustador. Mas, reconhecer estas dificuldades e sua relação com as práticas educativas é fundamental para poder construir uma educação pública de qualidade que reconheça nos jovens a sua condição de sujeitos, com seus medos, suas angústias, suas hesitações, mas, também, com sua potência de viver.

Referências Bibliográficas

ABREU, Nelsio Rodrigues de, BALDANZA, Renata Francisco, GONDIM, Sônia M. Guedes. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**. v.6, n. 1, p. 05-24, 2009.

FARIA, Aline Mariane, OLIVEIRA JUNIOR, Moacir de Miranda. Grupos de foco on-line assíncronos: uma breve reflexão sobre sua aplicação. **E&G Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 19, n. 54, set./dez. p.194-202, 2019.

LEVY, Pierry. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 1999.

MARTIN-BABERO, Jesus. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

ROCHA, Sérgio Luiz Alves. e FREITAS, Patricia Oliveira. Uma reflexão sobre as relações entre os jovens, a escola e os usos das tecnologias. In: **Anais 41º Intercom**, Joinville. São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018>. Acesso em: 10, set. 2020.